

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ANDREZZA LISBOA MAZZINI

**ENTRE BATONS, ALENTO E AS QUATRO LINHAS: (DES) CONSTRUINDO A
IMAGEM DA MULHER NO FUTEBOL**

São Borja

2017

ANDREZZA LISBOA MAZZINI

**ENTRE BATONS, ALENTO E AS QUATRO LINHAS: (DES) CONSTRUINDO A
IMAGEM DA MULHER NO FUTEBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para aprovação no componente curricular obrigatório Trabalho de Conclusão de Curso I e II.

Prof.: Leandro Ramires Comassetto

São Borja

2017

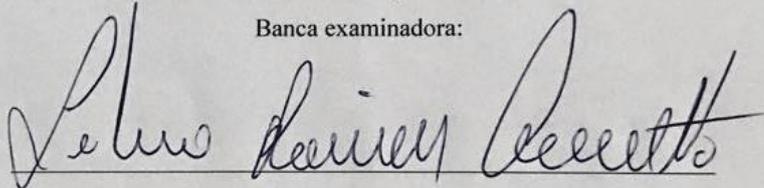
ANDREZZA LISBOA MAZZINI

**ENTRE BATONS, ALENTO E AS QUATRO LINHAS: (DES) CONSTRUINDO A
IMAGEM DA MULHER NO FUTEBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Jornalismo da Universidade
Federal do Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Bacharel em
Comunicação Social.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 04, dezembro de 2017 .

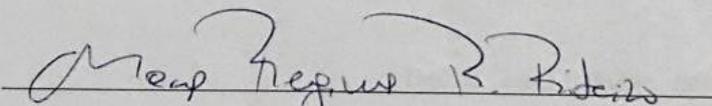
Banca examinadora:



Prof. Dr. Leandro Ramires Comassetto

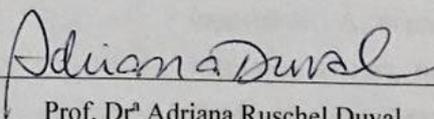
Orientador

UNIPAMPA



Prof. Dr^a Mara Regina Ribeiro

UNIPAMPA



Prof. Dr^a Adriana Ruschel Duval

UNIPAMPA

Dedico este trabalho principalmente a minha mãe e minha avó que contribuíram durante toda essa minha trajetória pessoal e acadêmica, e sempre acreditaram no meu potencial e na minha capacidade. À minha família, amigos, amor, colegas e ao meu orientador Leandro Ramires Comasseto, que foram essenciais para a minha formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, por sempre estar presente, me dando forças para aguentar as diversidades do dia a dia, com saúde, coragem e a certeza de vencer sempre.

A minha família, cujo apoio e amor foram fundamentais para a realização dessa etapa.

A minha mãe Viviane, que com muito amor (e algumas brigas também) me ensinou a conduzir minha vida com caráter e honestidade, ela é a razão de tudo, a ela meu mais puro amor e eterna gratidão.

A minha irmã Grazielle, que sempre foi minha melhor amiga, que com suas sugestões e correções contribui muito para a elaboração deste trabalho e que contribui cada dia para meu crescimento como pessoa.

Aos meus grandes amores, Paulo e Nilza, que sempre me incentivaram a estudar, nunca desistiram de mim e sempre buscaram minha felicidade.

Aos meus queridos avós Dilva e Aguinaldo, que, mesmo estando longe, prestaram todo apoio, carinho e incentivo.

À dada Patrícia, que sempre me cuidou e me acolheu no primeiro momento que cheguei em São Borja.

À prima Ingrid, que, apesar de ser durona, tem um coração enorme e sempre me abraçou quando mais precisei e aos primos Guilherme e Antonela, pelo carinho e alegria sempre compartilhada.

Ao meu padraсто Pedro, minha avó Marina e meu avô Osvaldo, pelo zelo e carinho de sempre.

Ao meu companheiro de vida, amor que ganhei na faculdade e cultivo, Vinicius Kuball, pela paciência, compreensão e amor, por ser meu porto seguro e estar sempre presente. Obrigada por não deixar de acreditar em mim nos momentos difíceis em que eu mesma tive dúvidas quanto a minha capacidade.

Ao meu orientador, professor e mestre Leandro Ramires Comassetto, grande parceiro em São Borja, que sempre incentivou e me apoiou durante todo meu percurso acadêmico.

Agradecimento em especial à caríssima Mara Ribeiro, que foi uma amiga durante esses anos na Unipampa, ao Marco Bonito pelos diversos puxões de orelha e ao casal Miro Bacin e Adriana Duval que sempre me apoiaram, tanto no meio acadêmico quanto profissional. Aos outros professores, meu agradecimento pelo conhecimento compartilhado.

Aqui também agradeço a minha família de São Borja, Karolini Kulmann, Leticia Beifulss, Paulo Henrique Santhias, Vitor Kellner, Katiúcia Pletiskaitz e Bianca Garcia, que dividiram momentos de tristeza e felicidade durante toda minha caminhada.

Às minhas amigas, que, mesmo de longe, sempre foram apoiadoras e compreensivas à minha ausência, Ana Carolina Soria e Stéfani Engel. As friends de apartamento, Camille Martins, Luana Alves, pelas conversas acalentadoras e pelo carinho de sempre.

Aos tesouros que ganhei no Grêmio, Etiani Vargas e Taygra Paz, pelos momentos que dividimos dentro e fora do estádio, agradeço o amor e preocupação diária.

Às torcedoras, jogadoras e técnicas dos clubes Grêmio Football Porto Alegre e Sport Clube Internacional, minhas entrevistadas, sem elas, nada disso seria possível.

Às grandes jornalistas Kelly Mattos e Alice Bastos Neves, que carinhosamente me ajudaram e me incentivaram a seguir firme e forte nessa árdua caminhada.

A todas amigas e amigos Gremistas, parceiros de cancha, que sempre respeitaram e compartilharam essa loucura que é viver de Grêmio, levarei vocês para sempre comigo.

“Nós vamo acaba com o planeta”, muito obrigada!

Não pode.

Ir no estádio, vibrar com a alma, saber o que faz o zagueiro, o que é uma caneta, explicar impedimento, dizer a escalação, se enrolar no manto do time, usar a camiseta mais larga, tênis, cabelo preso, cantar as músicas da torcida organizada, entender de futebol, viver a arquibancada, ser sócia de carteirinha, amar a paixão nacional.

Não pode.

Porque é só uma mulher. Porque deveria se contentar, ser enfeite, reclamar em dia de jogo, nunca disputar espaço na frente da TV na tarde de domingo, ser a que acompanha, achar palavrão feio, ter medo de multidão, chegar ofegante em um bar pra saber o resultado do jogo.

Não pode.

Dizer que a palavra “torcedor” deriva de “torcedora”. De uma crônica de Coelho Neto, lá no século XX, quando homens e mulheres iam de trajes sociais aos estádios e elas, nervosas com o time, tiravam a luva e as torciam.

Não pode.

Esquecer que lugar de mulher é onde ela quiser.

Inclusive no estádio.

Gol.

Cris Lisboa, 2017.

RESUMO

Este TCC tem como objetivo ensejar uma discussão a respeito dos processos sociais de inserção feminina no universo futebolístico e é construído a partir de um minidocumentário audiovisual com mulheres participantes nos dois maiores clubes de futebol do Rio Grande do Sul: Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Clube Internacional. O futebol historicamente foi conhecido como um campo predominantemente masculino. Nesse contexto, a prática esportiva do futebol, durante muito tempo, foi restrita a homens, visto que o futebol era considerado um esporte inadequado para o corpo das mulheres; deste modo, a elas restou o papel de, no máximo, espectadoras. A entrada das mulheres no universo futebolístico sempre foi restrita àquilo que era considerado apropriado ao mundo feminino. Há décadas, as mulheres batalham por seu lugar na sociedade, e no futebol não é diferente, pois estamos assistindo a uma crescente e contínua participação feminina nos espaços que até então eram dominados por homens, sejam eles dentro ou fora das quatro linhas. Essa participação vai desde o número de mulheres sócias e frequentadoras até as profissionais que se inserem nas mais diversas áreas do esporte. O trabalho tem como objetivo provocar uma reflexão a respeito da imagem da mulher no futebol e, em especial, um debate sobre como a mulher é tratada dentro dos estádios, sendo elas jogadoras, repórteres, treinadoras e participantes das torcidas organizadas da dupla Gre-Nal.

Palavras-Chave: Futebol, Público Feminino, Mulher no cenário do futebol, Dupla GreNal, Documentário Jornalístico, Rio Grande do Sul

ABSTRACT

This work aims to provide a discussion about the social processes of female insertion in the soccer universe and is constructed from an audiovisual mini-documentary with women participants in the two largest soccer clubs in Rio Grande do Sul: Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense and Sport Clube Internacional. Football has historically been known as a predominantly male field. In this context, the practice of football for a long time was restricted to men, since soccer was considered an inappropriate sport for women's bodies; thus, women remained the role of, at best, spectators. The entry of women into the world of football has always been restricted to what was considered appropriate to the feminine world. For decades, women have been fighting for their place in society, and football is no different, as we are witnessing a growing and continuous female participation in spaces that were previously dominated by men, whether on or off the four lines. This participation ranges from the number of female members and members of the public to those professionals who work in the most diverse areas of the sport. The project aims to provoke a reflection about the image of women in football and, in particular, a debate about how women are treated within the stadiums, being they players, reporters, coaches and participants of the organized twisters of the Gre-Nal duo.

Keywords: Football, Women's Public, Women without football scenery, GreNal Double, Journalistic Documentary, Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVO GERAL	11
2.1 Objetivos específicos	11
3 ENFOQUE EXPERIMENTAL	11
3.1 O que é linguagem audiovisual?	11
3.2 O que é um filme documentário	12
4 JUSTIFICATIVA	13
5 REFERENCIAL TEÓRICO	13
5.1 História do surgimento do futebol no mundo	14
5.2 Chegada do futebol no Brasil	15
5.3 Futebol feminino	16
5.4 Apresentação da dupla Gre-nal	17
5.4.1 Grêmio Football Porto Alegre	17
5.4.2 Sport Clube Internacional	19
5.5 Criação dos times femininos da dupla Gre-Nal	21
5.5.1 Time Feminino Grêmio Football Porto Alegre	21
5.5.2 Time Feminino Sport Club Internacional	22
5.6 Criação das organizadas e participação feminina na torcida	22
5.6.1 Força Feminina Colorada- FFC	23
5.6.2 Geral do Grêmio	24
5.7 Jornalismo esportivo	25
5.8 Importância e características do filme documentário	27
6 METODOLOGIA APLICADA	28
7 DIÁRIO DE BORDO	30
8 ROTEIRO	31
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

Dentro do contexto desta pesquisa, é importante destacar inicialmente, como pano de fundo histórico, a verdadeira tragédia que se abateu sobre a nação brasileira quando ocorreu a derrota para o Uruguai em 1950. As mulheres, na época, eram meras espectadoras da aflição de seus maridos, que voltaram para casa desnorteados com aquele fracasso que se confundiu com o próprio insucesso do “homem” e da “pátria brasileira”.

Com o passar do tempo e a crescente influência feminina na sociedade - o que se deu não sem muito sacrifício e em várias áreas do conhecimento humano -, o espaço físico e anímico dos estádios de futebol, das emissoras de televisão, dos estúdios de rádio e dos próprios campos e quadras esportivas foi ocupado pelas mulheres. A invasão feminina, hoje, é uma realidade indiscutível, que tem reflexos positivos inclusive nas campanhas de pacificação das torcidas. Esse aspecto é preponderante no exame do tema que ora é proposto, pois já está mais do que na hora de se discutir sob a ótica feminina um assunto que transitou, até pouco tempo atrás, na órbita exclusivista do mundo viril.

No início do século XX, as mulheres começaram a praticar a modalidade no Brasil e aos poucos foram rompendo as barreiras sociais e culturais. No entanto, apesar dos avanços no esporte, ainda pode-se dizer que o incentivo e a participação feminina nos estádios de futebol apresenta um caráter tímido, mesmo no âmbito de uma sociedade em que as mulheres se manifestam em diferentes espaços, tanto nas arquibancadas e dentro de campo dos estádios quanto nos espaços virtuais da internet. Em grupos isolados, as torcedoras vêm conquistando seu espaço, estimulando, assim, novas formas de composição identitária feminina, como, por exemplo, criando um público apreciador e contribuindo para as diferentes demandas e os significados dessa modalidade esportiva. É bom ressaltar também que esses espaços na área esportiva conquistados pela mulher são relativamente limitados, na medida em que ela continua sendo vista por certos setores da mídia por um viés condescendente com sua suposta “fragilidade”, apesar do avanço da resistência contra o conservadorismo ainda existente em redações e estúdios. Mudanças sociais ocorreram com o transcurso do tempo e, principalmente, o comportamento das mulheres tornou-se mais independente ao encarar os preconceitos culturais. É claro que muitas destas alterações de comportamento se devem ao feminismo e à nova posição da mulher, hoje mais autônoma e financeiramente independente para enfrentar os inadiáveis conflitos de uma sociedade cada vez mais competitiva.

2 OBJETIVO GERAL

Fomentar a discussão sobre a participação da mulher dentro e fora dos campos dos dois maiores clubes gaúchos, Grêmio FootBall Porto Alegrense e Sport Clube Internacional através de um documentário audiovisual.

2.1 Objetivos específicos

- Documentar a realidade social de duas técnicas e de duas jogadoras profissionais dos times femininos, contando suas histórias e revelando suas expectativas para o futuro, os problemas que impedem seu crescimento profissional e suas principais necessidades;
- Registrar a origem da paixão pelo futebol das mulheres que ocupam seu lugar nas sedes da torcida organizada de seu time, além de documentar sua participação dentro dos estádios da dupla Gre-Nal;
- Suscitar a discussão de igualdade de direitos dentro das diferentes áreas do futebol;
- Convocar todo o meio futebolístico para um novo olhar, visando à (des)construção da imagem tradicional da mulher dentro e fora das quatro linhas.

3 ENFOQUE EXPERIMENTAL

O enfoque experimental deste trabalho consiste na realização de um minidocumentário audiovisual, mediante a utilização de uma técnica jornalística similar à realização cinematográfica para obter a veiculação corrente de um produto de fácil receptividade popular. Desta maneira, o jornalismo atinge seus objetivos de uma maneira inspiradora e motivadora, incentivando, na outra ponta da comunicação, a educação e o entretenimento como formas de estímulo do público consumidor.

3.1 O que é linguagem audiovisual?

A linguagem audiovisual é considerada um conjunto de códigos compartilhados, baseados em som e imagens em movimento. Atualmente, percebe-se a crescente convergência de tecnologias, a fim de gerar um produto que proporcione uma série de informações, a serem transmitidas de forma bastante clara, de modo a atingir diversos tipos de público. É possível, ainda, a transmissão de arte e cultura, dependendo do que se deseja passar para o público.

Essa linguagem é utilizada a todo momento em diferentes áreas do jornalismo, sendo hoje o principal meio de comunicação. Frequentes evoluções técnicas geram novas formas de linguagens, oriundas de cruzamentos de dois ou mais gêneros, fazendo com que nossa percepção também se modifique a cada variação. Nesse contexto, Solange Souza e Nilton Jr. (2003) registram que:

A linguagem, quando vinculada a uma novidade tecnológica, coloca o homem em situação de fascínio e risco, ou melhor, evidencia uma questão de ordem filosófica que exige uma postura crítica, mas também prática. Esta última se traduz no modo como atualizamos e re-afirmamos nossa condição de autores deste processo e não perdemos a capacidade de encontrar respostas compartilhadas entre as gerações para os novos desafios (SOUZA; JR, 2003, p. 33).

A importância da linguagem não está somente em sua função de interlocução de nossos pensamentos através da fala, mas também por nos fornecer padrões e códigos de comunicação e representação para posteriormente fazermos uso destes. Sempre em busca de inovação, o cinema difundiu-se como uma linguagem ao descobrir seu potencial diegético, narrativo e não mimético, apresentando histórias através de discursos e enunciados impregnados nas imagens em movimento e buscando uma exibição legível de seus códigos ao espectador.

3.2 O que é um filme documentário

O produto vídeo documentário foi utilizado por entender que a imagem é a melhor forma de apresentar a vivência dessas mulheres com o futebol e suas particularidades, como cita Nichols: “A estrutura institucional do documentário suprime grande parte da complexidade da relação entre representação e realidade, e também adquire uma clareza ou simplicidade que deixa subentendido que os documentários têm acesso verdadeiro ao real” (NICHOLS, 2010. p.51).

A partir do contexto histórico contido no documentário, segundo o mesmo autor, o vídeo consegue fazer transparecer o mundo por meio de suas técnicas auditivas e visuais. O documentário, por outro lado, discute um assunto mais singularizado de seu ator social, aborda aquilo que não é discutido, fala sobre o que não é questionado nos meios sociais e midiáticos. É um produto que não é estético como um filme ficcional, mas sim como um produto que tem intuito social.

4 JUSTIFICATIVA

A abordagem documental brasileira sobre mulheres no futebol de modo geral é bastante escassa no Rio Grande do Sul, conquanto seja possível citar um produto audiovisual recente que aborda a temática no Estado, porém sob diferente ponto de vista. O #JOGAQUENEMMULHER (2017) foi uma série produzida pela RBS TV e Globo Esporte RS, exibida em três reportagens apresentadas no programa esportivo da emissora, as quais abordam o panorama do futebol feminino no Estado por meio do olhar de Giulia Rolim, que joga bola em uma escolinha quase só integrada por meninos e sonha em ser jogadora profissional.

A decisão de produzir um documentário audiovisual surgiu como uma maneira de dar maior visibilidade à mulher apaixonada por futebol, seja ela jogadora, técnica, jornalista ou torcedora, expondo a alma das personagens e apresentando de forma mais clara as experiências vividas por elas. A escolha do tema dá a oportunidade de elaborar uma produção de interesse audiovisual e, mais ainda, permite mostrar a realidade social de mulheres que vivem o futebol.

As mulheres torcedoras cada vez mais tem ocupado seu espaço nas arquibancadas, no Grêmio Football Porto Alegre, cerca de 16% do Quadro Social é formado por mulheres, no Sport Clube Internacional esse número chega a 22%.

Através do que vivi dentro da torcida organizada do Grêmio, pude explorar a história de outras tantas mulheres que passam pela mesma realidade e que fazem de sua voz um brado contra o preconceito sofrido com relação aos homens da torcida, aos familiares e a toda sociedade.

Faz-se importante observar que, além de ser uma pesquisa de relevância históricocultural, de importância para a memória do empoderamento feminino, o trabalho resulta na elaboração de um documentário audiovisual sobre a relação da mulher com o futebol.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

Para a construção deste trabalho, foram consultadas diversas obras e autores, de modo a destacar o surgimento do futebol no mundo, Brasil e da dupla Gre-Nal, nascimento do jornalismo esportivo e a importância do documentário jornalístico para o resgate da memória e registro histórico dos fatos marcantes relativos a temática mulher no futebol.

5.1 História do surgimento do futebol no mundo

No que se refere à origem do futebol, é extremamente complicado relatar precisamente como tudo começou, pois não há certeza de quando nasceu o futebol. As origens desse esporte remontam a cerca de 4.500 anos antes de Cristo. Mas se pode dizer com certeza que houve, sim, inúmeros jogos com bola e muitos jogos semelhantes ao futebol na Antiguidade e na Idade Média. A propósito do tema, há vários relatos, pois esse esporte sofreu influência de diversos povos, com diferentes culturas, tradições e crenças. De acordo com Barkans, professor da Universidade de Munique, diversas pesquisas e documentos relatam que o futebol era praticado desde a pré-história, com os jogadores utilizando uma bola de granito (BORSARI, 1975). Os esportes sempre estiveram presentes em todas as civilizações do mundo, através das quais o esporte foi concebido, modificado e refinado. De acordo com algumas pesquisas, o futebol teve suas primeiras manifestações na China, por volta de 2.500 a.C., através do chamado “tsu-chu”. Os jogadores tentavam lançar com os pés e com as mãos uma bola recheada de capim por entre duas estacas de madeira fincadas no chão, distantes dez metros uma da outra, unidas por um fio de seda. Embora tenha sido formulado para ser um treinamento militar, o “tsu-chu” logo passou a ser praticado como esporte pela nobreza; entretanto, o jogo só começou a ser praticado pelo povo durante a dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.), no século II.

Em contrapartida, outros estudiosos atribuem a invenção do futebol à civilização Maia: na época, divididos em duas coletividades, os times deveriam acertar um aro fixo e essa disputa era tão intensa que o líder do time derrotado era punido com a morte. Essas primeiras manifestações do após chamado esporte bretão são consideradas as tentativas mais remotas do que veio a acontecer no século XIX, quando houve os primeiros “ensaios” do futebol na Inglaterra. O “mass football” foi uma disputa em que dois grandes grupos da cidade de Chester tentavam fazer com que uma bola ultrapassasse um dos portões da cidade.

Na Inglaterra, registros pouco claros falam de um futebol violento e sem regras. Em 1660 surgem as primeiras regulamentações em relação ao número de participantes e tamanho do campo. O futebol, como é praticado atualmente, iniciou na França em 1872, na Suíça em 1879, na Bélgica em 1893 e nos países da Europa Central em 1900. Em 1904 surgiu a Fédération Internationale de Football Association (FIFA), que passou a regulamentar os jogos de futebol pelo mundo.

5.2 Chegada do futebol no Brasil

Estudos documentados afirmam que o futebol chegou no fim do século XIX ao Brasil, trazido por Charles Miller, brasileiro que foi à Inglaterra para estudar e voltou em 1894, trazendo um livro de regras, dois uniformes e uma bola. Assim como a certeza do surgimento do futebol no mundo, há divergência sobre o nascimento do futebol no Brasil. Segundo Souza (2008), o futebol já havia aparecido por aqui antes da volta de Charles Miller;

Esqueçamos os nascimentos não documentados, que nos falam de holandeses jogando bola nas areias do Recife em 1870, de ingleses improvisando rachas na praia da Glória carioca em 1874, dos marinheiros do Criméia fazendo o mesmo num capinzal próximo da residência da princesa Isabel em 1878...além de empresários ingleses que muito antes, em 1876, já haviam ensaiado seus dribles no interior de São Paulo. (SOUZA, 2008, p. 36).

Mas voltando ao Brasil com Charles Miller, em 15 de abril de 1895 foi realizada a primeira partida de futebol documentada no Brasil. Foi com jovens de boas famílias, até então interessados em golfe, tênis e similares, que Charles plantou a semente. Ensinou a eles os fundamentos do futebol, dividiu-os em dois times, escalou um dos seus amigos para ser juiz, outro para bandeirinha e lá foram fazer a história na várzea do Carmo.

Durante algum tempo esse esporte foi considerado quase que totalmente de elite, em que a participação de negros e operários era expressamente proibida. Somente entre 1920 e 1930 negros puderam iniciar sua participação nos eventos relacionados a este esporte, com o intuito de aumentar as receitas através da venda de ingressos e títulos de sócios dos clubes.

Em 1933, o profissionalismo seria oficialmente implantado no Brasil. Os clubes que perdiam campeonatos por se negarem a ter em seus times jogadores negros (seus times eram formados obrigatoriamente por sócios-atletas, com direito de frequentar as sedes sociais) decidiram adotar um novo regime. Assim, poderiam “contratar” jogadores de qualquer raça ou condição social, contratados como empregados, sem precisarem integrar o quadro social do time. João Maximo (1999) atribui ao título da Copa do Mundo o atestado de maioridade do futebol brasileiro.

Não há como não reconhecer que o passatempo de poucos, esporte de elite, cresceria para ser uma instituição brasileira. O futebol brasileiro chegaria ao fim do século como o que mais e melhor contribuiu para o encanto do jogo, o aperfeiçoamento de sua técnica, a elevação do esporte às dimensões de pura arte. (MÁXIMO, 1999, p. 04)

O Brasil tornou-se o país do futebol. Nenhum outro país ganhou tantos títulos mundiais, nenhum outro serviu de berço para tantos craques, nenhum esteve tão presente em tantas Copas do Mundo. Contudo, a história do futebol brasileiro ainda está sendo escrita e o futebol no Brasil passou a fazer parte da cultura nacional, conforme descreve Souza (2008 apud GUEDES, 1998, p. 17):

O futebol é um dado cultural inegável da sociedade brasileira, responsável por manifestações coletivas de grandes proporções. Milhões de pessoas das mais diversas classes sociais se unem todos os dias da semana dentro de um estádio ou em volta de um rádio ou de uma televisão para torcerem pela vitória de seus times. Discussões acalentadas são travadas nos mais diversos recantos do país. Quando a seleção brasileira participa da Copa do Mundo, em nenhuma outra atividade cultural os ideais de patriotismo, de civilismo e de nacionalismo se mostram tão exacerbados. Nesta época, vive-se a experiência da identificação nacional, da qual poucas pessoas conseguem escapar.

5.3 Futebol feminino

Em meio à grande predominância de homens no futebol, mulheres passaram, através do tempo, a conquistar seu espaço dentro dos campos. A primeira partida de futebol feminino foi disputada entre Inglaterra e Escócia, em 1898, em Londres. Em 1920, após um amistoso entre duas equipes femininas no estádio do Liverpool, na Inglaterra, a FIFA proibiu veementemente que as mulheres praticassem o esporte. Entretanto, a partir de 1987, após uma competição em Taiwan, a entidade reconheceu oficialmente o futebol feminino e criou normas para sua organização. No Brasil, fontes de pesquisas afirmam que, em 1940, alguns jornais já reconheciam a existência de equipes femininas no nosso território. Conforme LIMA E SOUZA (apud Moura, 2003, p.8-9), “No Brasil, temos como data da primeira partida de futebol feminino o ano de 1921, ocorrida na capital paulista no dia 28 de junho, na qual se defrontaram senhoritas Tremembeses e Cantareirenses”.

Em 1940, o médico Hollanda Loyola escreveu um artigo na Revista Brasileira de Educação Física, retratando a prática esportiva do futebol voltado para as mulheres no Estado do Rio de Janeiro, conforme os relatos abaixo:

Há cerca de uns três meses um grupo de moças dos mais conceituados clubes esportivos dos subúrbios de nossa capital iniciou a prática do futebol feminino entre nós [...] tem as nossas patrícias disputado várias partidas entre vários clubes... A imprensa esportiva explorou-a habilmente através de um noticiário minucioso e de uma propaganda, intensa, aumentando o entusiasmo do público e o ‘elan’ das jogadoras (LOYOLLA, 1940, p. 20 apud MOURA, 2003 p. 30).

Em 1941, o Decreto-Lei 3199 do Ministério da Educação, no artigo 54, citava: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”; após, em 1964, o Conselho Nacional de Desportos – CND proibiu a prática do futebol feminino no Brasil, decisão que só foi revogada em 1981, e o futebol feminino passou a ser legalizado no Brasil no ano de 1983. Nas Olimpíadas de Atlanta, em 1996, o futebol feminino conquistou a condição de modalidade olímpica e o time brasileiro ficou com o quarto lugar, mesma colocação que obteve nas Olimpíadas de Sidney, em 2000.

Assim como toda a história do nascimento do futebol, existem lacunas que deixam dúvidas acerca do início da prática futebolística, tanto masculina quanto feminina. Embora não se saiba uma data exata, é evidente que o esporte já vem sendo desenvolvido pelas mulheres no Brasil há bastante tempo, em uma trajetória marcada por lutas e conquistas.

5.4 Apresentação da dupla Gre-nal

Neste capítulo apresenta-se um breve histórico dos dois clubes integrantes do documentário, Grêmio Football Porto Alegre e Sport Clube Internacional. As informações apresentadas neste item foram retiradas do site de ambos os clubes, junto com os dados coletados do acervo documental dos clubes.

5.4.1 Grêmio Football Porto Alegre

No feriado de 7 de setembro de 1903, atletas do Sport Clube Rio Grande, fundado na cidade portuária e, por coincidência, clube mais antigo do Brasil, vieram à capital gaúcha para uma demonstração da novidade esportiva - o futebol. Entusiasmados com o que haviam aprendido, uma semana depois, no dia 15 de setembro de 1903, no centro da Capital, trinta e um rapazes se reuniram em um restaurante e escreveram a ata de fundação do então Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, escolhendo como primeiro presidente Carlos Luiz Bohrer.

Em 1904, o clube disputaria sua primeira partida, o adversário foi Fuss-Ball Club Porto Alegre, então o único outro clube da cidade, fundado exatamente na mesma data. O Grêmio venceu por 1 a 0, o que representou o primeiro troféu da história do tricolor, o Wanderpreis. Ainda no mesmo ano, o clube adquiriu seu primeiro campo, a Baixada dos Moinhos de Vento, onde os atletas teriam lugar próprio para jogar e treinar. O terreno seria utilizado nos próximos 50 anos, época em que passou por várias transformações em sua estrutura, agregando pavilhões e arquibancadas, que foram crescendo conforme a demanda de

sua torcida, em função da disseminação do esporte em Porto Alegre. No dia 18 de julho de 1909, aconteceu o primeiro confronto com o Sport Clube Internacional, que acabou em 10x0 para o time tricolor. Anos depois, a rivalidade tornaria este confronto um dos maiores clássicos do futebol brasileiro, o Gre-Nal.

O futebol, por volta de 1940, passava por um processo de profissionalização, o que resultou em um período de recessão para o Clube, que era ligado aos ideais do amadorismo, fazendo com que demorasse para se adaptar ao novo contexto do esporte. Foi durante a presidência de Saturnino Vanzelotti, entre 1948 e 1954, que ocorreram as transformações fundamentais para a continuidade da entidade esportiva. Em sua gestão, Saturnino comandou a construção do Estádio Olímpico, inaugurado com um jogo entre Grêmio e Nacional de Montevideú, com vitória tricolor por 2x0. Na segunda metade dos anos 70, uma grande campanha liderada pelo então presidente Hélio Dourado arrecadou recursos para a conclusão do anel superior do Estádio Olímpico. As obras duraram cerca de quatro anos até a reinauguração no dia 21 de junho de 1980, quando o então Estádio Olímpico viria a tornar-se o Olímpico Monumental.

O Tricolor Gaúcho teve sua fase vitoriosa nos anos 1980. Em 1981, alcançou sua primeira grande conquista nacional, o Campeonato Brasileiro, com um triunfo sobre o São Paulo. Em 1983, o Grêmio venceu sua primeira Libertadores da América, passando pelo Flamengo de Zico e pelo Estudiantes de La Plata, até vencer a competição sobre o Club Atlético Peñarol. Após o título, foi disputar o torneio mundial contra o Hamburgo da Alemanha, que havia se sagrado campeão europeu. O Tricolor conquistou o título e se tornou o primeiro clube gaúcho “a conquistar o mundo”, escrevendo na história o nome daquele que viria a ser o maior ídolo gremista - Renato Portaluppi.

Ainda naquela década, o Tricolor venceu alguns dos mais prestigiados torneios internacionais na Europa e garantiu seu segundo hexacampeonato gaúcho, numa sequência iniciada em 1985. Entretanto, não só de glórias vive o futebol, pois em 1991 o clube foi rebaixado da divisão de elite do Campeonato Brasileiro, retornando em 1993. De 1994 a 1997 o Grêmio empilhou taças em seu Memorial: Copa do Brasil (1994), Libertadores (1995) e Copa do Brasil (1997 e 2001). Nessa época, Luiz Felipe Scolari foi o grande nome do clube, já aclamado pela alcunha de “Imortal Tricolor”.

Em 2004, devido a uma crise financeira, praticamente faliu a instituição e o Grêmio foi novamente rebaixado, voltando à primeira divisão do futebol brasileiro em 2005, quando venceu a partida contra o Náutico, a qual ficou conhecida como a “Batalha dos Aflitos”, bravamente vencida por 1 a 0, com apenas sete jogadores em campo.

Mais uma vez após retornar da segunda divisão, o Grêmio conquistou os campeonatos gaúchos de 2006, 2007 e 2010. Foi vice-campeão da Libertadores de 2007 e campeão do primeiro turno do Brasileiro de 2008 e do segundo turno de 2010, conquistando a vaga para sua 13ª participação na Libertadores da América.

No dia 08 de dezembro de 2012, o Grêmio começou a viver uma nova fase, ocasião em que, depois de dois anos de trabalho, o clube inaugurou sua Arena, considerado o maior e mais moderno estádio da América Latina de acordo com os conceitos de qualidade e segurança exigidos pela FIFA.

Em 2016, após 15 anos sem títulos expressivos, a equipe foi pentacampeã da Copa do Brasil. O Grêmio é um dos clubes de futebol com maior número de associados, 126.012, conforme dados do Quadro Social de novembro de 2017, 93.376 são sócios ativos e as mulheres são 16% do total de associados.

5.4.2 Sport Clube Internacional

A vinda de três familiares paulistas a Porto Alegre em 1908, junto à dificuldade de se associarem aos clubes existentes na capital, determinaram a fundação do Sport Clube Internacional. Os irmãos Poppe, Henrique e José, juntamente com seu primo Luis Poppe chegaram à capital do Estado em momento de modernização da cidade, que prometia garantir diversas oportunidades comerciais. Paralelamente à atividade ligada ao comércio que os Poppe exerciam, havia neles o desejo de se associarem a algum clube para a prática de esportes. No entanto, perceberam nesse momento que a cidade na qual se instalaram não era ainda tão cosmopolita como aparentava ser. Por serem jovens e ainda desconhecidos no meio social, o pedido de associação ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense foi negado. O gosto pelo futebol e a impossibilidade de se associarem a algum clube já existente motivaram os Poppe a fundarem o Sport Club Internacional no dia 4 de abril de 1909. Na data, João Leopoldo Seferin foi eleito o presidente e, para dar maior credibilidade ao clube, o capitão Graciliano Ortiz foi escolhido presidente de honra do Inter. Os discursos ouvidos nas reuniões eram norteados sempre pelo princípio de dar maior valor para os Poppe e àqueles que participavam das atividades clubísticas. O Internacional havia sido criado para brasileiros e estrangeiros, uma clara alusão à política de discriminação dos outros clubes já existentes em Porto Alegre, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Fuss-Ball.

Foi através de Graciliano Ortiz que o clube, recém-fundado, obteve junto à Intendência seu primeiro campo para treino: a Ilhota. Após a utilização deste primeiro espaço,

foi alugado um sítio de propriedade do Asilo Providência, que em poucos anos propôs a compra do imóvel, Chácara dos Eucaliptos, por um valor considerado muito alto, fora das possibilidades do clube, razão por que a instituição precisou procurar outra sede e esteve próxima de fechar. Depois de 20 anos utilizando campos alheios, no ano de 1931 o então presidente, Ildo Meneghetti, efetivou a compra do terreno localizado no Menino Deus, local onde foi construído o Estádio dos Eucaliptos, que posteriormente adotou o nome daquele que também foi Governador do Estado.

No dia 18 de julho de 1909, o Internacional realizou sua primeira partida no estádio do Grêmio, situado no Bairro Moinhos de Vento e o resultado não poderia ser mais desastroso para o Internacional: o Grêmio marcou 10 a 0 sobre o visitante. No dia 15 de março de 1931, o Inter inaugurou o seu estádio e para o jogo convidou o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre: no Gre-Nal de inauguração do novo campo, o Inter marcou 3 a 0 sobre o rival.

Em 1934, o Inter conquistou seu segundo título estadual e assim começaram as mudanças - o time já era formado por profissionais e não só por amigos e familiares dos fundadores, passando os jogadores a receber algum tipo de remuneração. Outra inovação foi a utilização de jogadores negros no seu elenco, prática que ainda não era adotada pelo rival Grêmio até 1952, criando-se assim o cognome de “Clube do Povo”, utilizado até os dias atuais.

Os anos 40 foram de prosperidade para o clube. A década trouxe a explosão do time, surgiu o “Rolo Compressor” e junto a ele foi inaugurada a nova era do futebol da agremiação. O Rolo Compressor foi um time extremamente ofensivo, que durou de 1940 até 1948 e conquistou oito títulos estaduais em nove anos. Em 1954, uma goleada de 6 a 2 no Gre-Nal diminuiu o brilho dos festejos de inauguração do Estádio Olímpico.

No dia 12 de setembro de 1956, o então vereador Ephraim Pinheiro Cabral apresentou e aprovou na Câmara de Vereadores um projeto de lei para a doação ao Sport Club Internacional de uma área de sete hectares, que seriam aterrados sobre o rio Guaíba. No ano de 1969, é inaugurado o novo estádio, que viria a se chamar popularmente como Beira-Rio. O time convidado para o jogo de inauguração foi o Benfica de Portugal, que jogou um amistoso e perdeu de 1 a 2 para o time da casa.

Em 1975, houve a primeira conquista do Campeonato Brasileiro, seguido por outro grande feito, tricampeão nacional no ano de 1979. O clube passou por graves crises na década de 1990, mas o ano de 1992 foi uma exceção, pois o Colorado conquistou seu inédito título na Copa do Brasil. A vaga para a principal competição sul-americana seria alcançada em 2005, através do Brasileirão. No dia 16 de agosto de 2006, o time sagrou-se campeão da Copa

Libertadores e, em 17 de dezembro, o Internacional obteve seu primeiro Mundial. Depois de erguer as taças da Libertadores e da Copa do Mundo de Clubes da FIFA, o Inter venceu a Recopa e garantiu a inédita Tríplice Coroa. A comemoração do seu centenário foi celebrada com o título do Campeonato Gaúcho.

O clube ainda foi bicampeão da Libertadores em 2010, mas acabou derrotado no Mundial pelo Mazembe, time do Congo. Em 2016, o time venceu pela sexta vez seguida o Campeonato Gaúcho, entre outros campeonatos, garantindo a Quádrupla Coroa Estadual. No entanto, no âmbito das competições nacionais, o time não teve muito sucesso e acabou sendo rebaixado da Série A do Campeonato Brasileiro, terminando a competição em 17º lugar.

O Sport Clube Internacional, é um dos maiores clubes com mulheres ativas no Quadro Social, são 122.014 sócios, sendo 22% mulheres.

5.5 Criação dos times femininos da dupla Gre-Nal

O futebol feminino é ignorado pela maioria dos grandes clubes do Brasil, fogem à regra, Corinthians, Grêmio, Internacional, Flamengo, Santos, Vasco, Sport, Vitória, Ponte Preta, Náutico e América-MG.

Isso explica em parte o desinteresse do público pela apreciação do futebol feminino. O problema é mais gritante quando nenhum dos grandes clubes cobra ingressos para os jogos e mesmo assim há poucas pessoas na arquibancada. Apesar desse problema, os demais clubes de ponta terão que montar equipes femininas em condições de participar de competições nacionais, o novo estatuto e regulamento de licença de clubes traz uma série de normas novas às confederações afiliadas à entidade. Dentre elas, está a obrigação de ter uma equipe de futebol feminino. A Conmebol deu um prazo de dois anos para adaptação, portanto a medida será válida só a partir de 2019.

5.5.1 Time Feminino Grêmio Football Porto Alegre

Uma parceria entre Grêmio e Associação Gaúcha de Futebol Feminino (AGFF) retomou o esporte destinado às mulheres no Clube em março de 2017. Em agosto a parceria se encerrou e o time feminino passou a integrar diretamente o Grêmio Football Porto Alegre. O elenco Tricolor que estreou no Campeonato Brasileiro no dia 12 de março, conta com 28 atletas. A equipe treina três vezes na semana no CT do Cristal, em Porto Alegre,

anteriormente o time treinava no Centro de Formação e Treinamentos Hélio Dourado, em Eldorado do Sul, desde a primeira semana de fevereiro.

As atletas são comandadas pela técnica Patrícia Gusmão, que tem Ronaldo Rangel, como auxiliar, além do preparador físico Mauro Cruz, este último com passagem pelo Grêmio. Técnica do Grêmio, Patrícia tem carreira no futebol feminino nacional e internacional, em 2016, comandou a Seleção Gaúcha de Futebol Feminino.

5.5.2 Time Feminino Sport Club Internacional

O Departamento de Futebol Feminino do Sport Club Internacional retomou as atividades em março de 2017, após ter encerrado suas atividades em 2003. No dia cinco de março uma peneira foi realizada e contou com a participação de mais de 700 meninas. Cerca de 80 meninas foram selecionadas para integrar os times de base e o time principal adulto, que conta com 32 meninas. O clube apresentou suas atletas e sua comissão técnica em um evento no dia oito de março, dia da mulher.

O Clube conta com o time adulto e mais três bases, sub-15, sub-17 e sub-20. As meninas do futebol feminino colorado já conquistaram seus primeiros títulos após a retomada do departamento, o sub-15 é vice campeão gaúcho, sub-17 campeão gaúcho e o time adulto conquistou sua primeira taça em maio no torneio Sérgio Nonnenmacher e hoje está nas semi finais do Campeonato Gaúcho.

O departamento de futebol feminino está vinculado à Vice-presidência de relacionamento social do clube e tem Duda Luizelli como gerente de futebol feminino, César Schunemann, diretor de futebol e o elenco é comandado pela técnica Tatiele Silveira. Os treinos acontecem terças e quintas-feiras na ESEFID e aos sábados na academia da Brigada Militar.

5.6 Criação das organizadas e participação feminina na torcida

Os estudos realizados sobre a temática das torcidas de futebol abordam em sua maioria as relações dos homens com o esporte. Porém, com o passar dos anos, houve uma crescente incorporação da mulher neste âmbito. A década de 1980 foi considerada como o auge das torcidas organizadas; curiosamente, porém, alguns estudos apontam para um grande

decréscimo da participação feminina nos estádios brasileiros, em virtude da atuação das torcidas organizadas, principalmente no que diz respeito à violência praticada (LEVER, apud COSTA, 2007). É indiscutível a importância desses estudos para a reflexão sobre o fenômeno sociocultural das torcidas de futebol, mas pouco se debate a respeito da presença feminina nas arquibancadas. Devido à escassez de pesquisas que versem sobre a questão de gênero nas torcidas, pode-se considerar de fundamental importância a observação da maneira como foram construídas as relações entre as mulheres e as torcidas organizadas.

A partir das primeiras décadas do século XX, as mulheres iniciaram o processo de busca de maior espaço no território que até então era somente masculino, o universo futebolístico (GOLLNER, 2005). Segundo Paoli (apud TOLEDO, 1996), futebol era “coisa” de homem, discutido nas ruas e nos bares, além de assunto familiar nas refeições. Nos dias atuais, há um desgaste desta tese, pois cada vez mais vem-se delineando um perfil feminino comum nas arquibancadas dos estádios de futebol. No entanto, ainda há uma barreira para que as mulheres sejam realmente reconhecidas como torcedoras, pois ainda é forte no imaginário popular a ideia de que sexo feminino e futebol jogam em campos opostos.

5.6.1 Força Feminina Colorada- FFC

Fundada em 24 de maio de 2009, ano do centenário do Sport Club Internacional, a Força Feminina Colorada tem como objetivo unir mulheres coloradas para apoiar o time nas arquibancadas. A FFC foi pioneira na criação de torcida organizada formada apenas por mulheres no sul do Brasil e segunda a ser fundada e reconhecida em todo o país.

Em entrevista com Malu Barbara, da Força Feminina Colorada, foi possível compreender como ocorre a organização desta torcida, visto que a grande maioria das torcidas organizadas possui símbolos que as identifiquem com os demais torcedores: com a FFC não seria diferente, já que possui símbolo, slogan e banda própria. Malu afirma que “a torcida surgiu para romper preconceitos, mostrando toda coragem, determinação e paixão das torcedoras coloradas em qualquer situação, seja nas arquibancadas do Beira-Rio ou onde mais o Internacional for jogar”.

Desde a sua criação, a Força Feminina vem recebendo uma crescente valorização por todos os colorados, devido à sua organização e participação nos jogos e eventos do clube. Localizada nos dias de hoje entre os portões três e dois da arquibancada inferior, a FFC tem como característica o uso de bandeirolas, faixas e uniforme, além da sua banda com influências da cultura colorada de arquibancada.

Outra forte característica da FFC é sua vocação e constante participação em iniciativas para a realização de ações sociais e culturais. Em 2016, teve início seu projeto de uma escola de música voltada para crianças e adolescentes de escolas públicas de comunidades carentes. Seu slogan “Representatividade, Empoderamento e Paz no Futebol!” resume de forma clara os objetivos desta torcida organizada. Malu ainda completa: “Lugar de mulher é onde ela quiser, inclusive no estádio”.

5.6.2 Geral do Grêmio

A Geral do Grêmio é uma torcida nos padrões “barra brava” da América do Sul, tendo sido criada em 2001 como precursora de tal movimento no Brasil. Movidos por um descontentamento com a torcida organizada da qual faziam parte - a Torcida Jovem do Grêmio -, cerca de doze torcedores a abandonaram e foram se reunir para torcer no setor atrás da goleira do Estádio Olímpico Monumental, onde se localizava a arquibancada geral do estádio, setor popular com ingressos em conta. No dia 21 de outubro de 2001, surgiu então a Geral do Grêmio, uma torcida de livre adesão, assim chamada porque não cobra mensalidade, não possui uniforme e não controla a participação de torcedores. A Banda da Geral é composta somente por homens que tocam instrumentos musicais que embalam os cânticos da torcida durante os 90 minutos da partida, em grande parte adaptações de ritmos famosos da Argentina e Uruguai ou de conhecidas músicas gaúchas, como “Eu sou do sul”, “Bebendo vinho” e “Amigo punk”.

A torcida, que, no Estádio Olímpico Monumental, posicionava-se em torno do portão 10 atrás da goleira, hoje ocupa a arquibancada norte da Arena do Grêmio. Ela adotou como ornamentos as barras - pedaços de pano compridos e finos posicionados transversalmente na arquibancada, afixados no anel superior e estendidos até o final da marquise mais baixa do estádio, que nos dias de hoje servem de apoio para os torcedores que ficam sob as “para-avalanches”-, os “trapos” - bandeiras menores sem mastro e com inscrições alusivas a sentimentos pelo clube -, bandeiras e guarda-chuvas tricolores com mastro que são distribuídos entre os torcedores que ocupam o espaço.

Outra marca importante da Geral do Grêmio era a extinta “Avalanche”, ritual de comemoração dos gols, onde toda a torcida descia correndo os degraus da arquibancada geral até o limite inferior do setor popular.

Hoje, a Geral do Grêmio é mais que uma torcida organizada, já que movimenta muitos torcedores, não apenas das arquibancadas, como também de outros setores do estádio.

Homens, mulheres, crianças, jovens e idosos se reconhecem como participantes da Geral do Grêmio. Além do alento e apoio incondicional durante os jogos, a torcida organiza eventos para a comunidade carente do entorno da Arena.

5.7 Jornalismo esportivo

A história do jornalismo esportivo é recente, possui pouco mais de 100 anos. Segundo Paulo Vinicius Coelho, os primeiros registros sobre cobertura esportiva no mundo ocorreram na França em 1854, com o *Le Sport*, periódico que publicava crônicas sobre turfe, canoagem, caça e natação.

A imprensa naquela época preocupava-se apenas em divulgar como cada esporte era praticado. O primeiro órgão de imprensa esportiva foi o inglês *Bell's Life*, que posteriormente seria chamado de *Sporting Life*. Nos Estados Unidos, o jornalismo esportivo ganhou representatividade no começo dos anos 20.

Na França houve uma melhora no modo de produção das notícias, mas isso só aconteceu em meados do século XIX. As informações começaram a ser melhor elaboradas e com conteúdo mais vasto. Pode-se afirmar que o jornalismo esportivo surgiu junto com alguns dos esportes mais populares, que conseqüentemente foram divulgados também por veículos com o mesmo perfil, conforme afirma Fonseca:

A grande imprensa só abriu espaço em 1875, num momento de mudanças sociais e de crescimento de esportes populares, pois, até então só se registravam notas sobre boxe, iatismo e esgrima. Por isso, os pioneiros do jornalismo esportivo surgiram nos jornais populares (FONSECA 1997, apud GONÇALVES e CAMARGO, 2005, p. 07).

A popularização do esporte teve grande participação da sociedade. No século passado, apenas os menos favorecidos socialmente e sem posses praticavam esportes, considerados como assunto sem importância pela sociedade. No entanto, enquanto na França somente as classes populares praticavam esporte, no Brasil a situação era inversa. Na história do jornalismo brasileiro, apenas os ricos podiam praticar esportes e o futebol foi o responsável por alavancar a cobertura esportiva no país.

Em 1910, em São Paulo, havia páginas de divulgação esportiva no jornal *Fanfulla*. Não se tratava de um jornal voltado para a elite, não formava opinião, mas atingia um público cada vez mais numeroso na Capital. Ainda não existia o que se pode chamar hoje de jornalismo esportivo. No início do século XX, no Rio de Janeiro, jornais

ofereciam maior espaço ao futebol, mas isso ainda não era o suficiente, como afirma Coelho (2014, p. 09)

Era a popularização que faltava. Os negros entravam de vez no futebol, tomavam a ponta do esporte. Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam torna-se leitores desse tipo de diário.

Menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e conseqüentemente ler não constava de nenhuma lista de prioridades. Assim, revistas e jornais de esportes foram surgindo e desaparecendo com o passar dos anos. No final da década de 1960, grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais, mas só nos anos 70 o Brasil, dito país do futebol, teria sua revista esportiva com vida regular.

No entanto, os jornais dedicavam espaços mínimos para o que já parecia ser a grande paixão popular. Evidentemente não havia na época a cultura dos grandes jornais de hoje, com cadernos inteiros dedicados aos esportes. Havia pequenas colunas, mais por questão de espaço do que por falta de interesse. (COELHO, 2014 p. 11).

A população se apaixonou ainda mais pelo futebol depois da primeira conquista da Seleção Brasileira. Nomes como Mário Filho e Nelson Rodrigues estampavam as colunas, cada dia com maiores espaços, considerando que nessa época apenas homens eram reconhecidos como colunistas e entendedores futebolísticos.

A mulher conquistou o direito de trabalhar em diversas áreas, inclusive no jornalismo. Sua inserção na imprensa brasileira começou no final do século XIX, como meio de divulgação das conquistas obtidas para fugir do estereótipo de dona de casa ou mãe, situação recorrente no final do século. Com efeito, a mulher vem conquistando espaço na imprensa de forma gradativa. De acordo com Coelho (2003, p. 11),

Não que hoje as redações esportivas tenham o mesmo número de mulheres com relação ao contingente masculino. Mas é possível até que o índice feminino na redação reflita o interesse da população. Se em estádio de futebol há mais homens do que mulheres, é normal que haja também um índice diferente de homens e mulheres nas redações.

Ainda é visto como algo curioso uma mulher que parece entender de futebol. Mulheres em grande parte são encaminhadas para as editorias de esportes amadores, pois em certos setores ainda prevalece a visão machista de que futebol é coisa para homem. Sendo assim, essas jornalistas acabam sendo encaminhadas para editorias de esportes amadores, como

vôlei, basquete e tênis. Mas esse cenário está mudando, mulheres estão cada vez mais crescendo dentro de editorias esportivas nas redações impressas, radiofônicas e televisivas. De acordo com Coelho (2003), as redações de esportes do país têm 10% de mulheres, fato que já foi objeto de mais preconceito no passado do que hoje em dia.

Jornalistas esportivas cada vez mais têm ganhado reconhecimento, porém infelizmente ainda conseguimos citar alguns poucos nomes, como Regiane Ritter, Aurora Bello, Gabriela Pasqualin, Glenda Kozlowski, Renata Fan, Mylena Ciribelli, Fernanda Gentil e, aqui no Rio Grande do Sul, Kelly Matos, Alice Bastos Neves, Débora de Oliveira, Eduarda Streb e Renata Medeiros. Estas são mulheres que entendem e que buscam se manter atualizadas sobre esporte. A realidade dentro das redações está mudando, mas o machismo ainda impera, eis que mulheres repórteres de futebol, por exemplo, já enfrentaram represálias tanto masculinas como femininas, dentro e fora do ambiente de trabalho. Quando elas começaram, certamente a situação era bem pior, tempo em que muito espaço foi conquistado, mas ainda há um longo caminho pela frente.

5.8 Importância e características do filme documentário

O documentário cinematográfico tem importância significativa no resgate e propagação de conteúdos de caráter científico, educativo, informativo ou histórico. No caso deste trabalho, fez-se pertinente, tendo em vista a proposta de documentar e retratar a vivência das mulheres ligadas ao futebol, seja em diferentes áreas de atuação, dentro e fora de campo, levando em consideração a riqueza de imagens, conteúdo dos depoimentos e arquivos já existentes. Além de ser um recurso de eficiência cognitiva e de grande aceitação popular, também funciona como uma ferramenta didaticamente apropriada. Portanto, pertinente no caso de uma proposta que pretende resgatar vivências relacionadas à memória de um grupo de mulheres.

O filme documentário tem por característica sustentar-se por fatos do real. Trata-se daquilo que realmente aconteceu antes e durante as filmagens. Segundo Puccini (2010), entre depoimentos, entrevistas, tomadas e imagens de arquivo, o documentário reúne e organiza uma série de materiais para formar uma declaração sobre determinados fatos ou acontecimentos. “Antes de recorrer a um discurso narrativo, o documentário recorre a uma exposição retórica, para sustentar um argumento que pode ou não se valer de estratégias narrativas em sua condução” (PUCCINI, 2010, p. 24).

Para Puccini, o trabalho de roteirização deixa de ser guiado pela escrita de cenas dramáticas, podendo incluir descrição, sequências de arquivo, situações de entrevistas, sequência de imagens de cobertura, animações gráficas, entre outras. Ainda no trabalho de roteirização, foi contemplada uma estrutura básica, que serviu como um mapa de orientação durante as filmagens para o documentário, que acabou sendo diversas vezes alterado durante a produção e as gravações, em razão de diversos imprevistos.

A utilização da entrevista é uma das características do gênero documentário, cujos produtos são chamados de *talking heads*; segundo Puccini, esse modelo é bastante combatido pelos manuais de produção, mas nem por isso são ausentes da tradição do documentário. Há uma grande preocupação na relação com o entrevistado, já que é dessa relação que nasce o personagem.

A fim de evitar a monotonia do *talking heads*, utiliza-se com frequência o registro do personagem em ação. Conforme Puccini,

O personagem encena para a câmera aquelas que seriam suas atividades habituais ligadas à vida doméstica ou profissional. Essa estratégia de captura do personagem em atividade serve para criar uma maior dinâmica visual do filme, quebrando o monopólio do enquadramento de entrevista padrão ao inserir uma maior variedade de composições visuais no documentário (PUCCINI, 2010, p. 44).

A filmagem de entrevistas normalmente é reservada às composições em plano médio, primeiro plano e close, cuja variação normalmente é usada como estratégia para buscar um efeito dramático e cria maior dinâmica visual para o documentário.

6 METODOLOGIA APLICADA

Este TCC se constitui num documentário jornalístico audiovisual sobre a relação das mulheres com o futebol, dentro e fora das quatro linhas, contando suas vivências, histórias e sonhos. Desta forma, o método considerado mais adequado para a investigação é o indutivo, que, de acordo com Gil (2007), parte da observação dos fatos, de fenômenos e causas que se deseja conhecer.

Como já explicado, o documentário audiovisual promove a desconstrução e nova construção sobre a imagem da mulher que participa do esporte, considerando já haver uma relação dinâmica, contextual e temporal entre o pesquisador e o objeto de estudo. De acordo com Puccini (2010, p. 24),

o discurso do filme documentário tem por característica sustentar-se por ocorrência do real. Trata efetivamente daquilo que aconteceu, antes ou durante as filmagens, e não aquilo que poderia ter acontecido, como no caso do discurso narrativo ficcional (PUCCINI, 2010, p. 24).

Puccini ressalta que o documentário tem por base a pesquisa, o material de arquivo, os personagens, entrevistas e a pesquisa de campo sobre o tema proposto. A proposta de um texto é o resultado de uma primeira etapa de pesquisa, para promover o aprofundamento sobre o tema de modo a garantir as condições do processo de filmagem do documentário. O material de arquivo é um recurso adotado com frequência como uma forma de ilustrar e resgatar acontecimentos ou eventos passados, usados pelo documentarista na ideia de enriquecer o conteúdo. As pré-entrevistas são úteis tanto para aprofundar informações quanto para as já coletadas, e para selecionar entrevistados como possíveis personagens para o documentário, através do comportamento de cada um diante da câmera. Já a pesquisa de campo busca fazer um cuidadoso estudo das locações para a prevenção de problemas técnicos relacionados com a iluminação e captação do som, além de fazer com que o documentarista se sinta à vontade com o cenário abordado.

Na apresentação do assunto, Puccini (2010) ressalta que Syd Field chama a atenção em seus manuais “para a necessidade de o roteirista introduzir a história logo nas primeiras dez páginas”. Já para Hampe (1997, p. 23), o início de um filme deve “expor o tema, levantar uma questão ou apresentar algo novo ou inesperado”. Nessa apresentação do tema, o documentarista deve informar “o problema com o qual o documentário lida, as principais pessoas envolvidas – e o que mais o espectador necessitar saber para que o documentário siga adiante”. Já no desenvolvimento do assunto, precisa manter o interesse do espectador, e não apenas aguçar sua curiosidade nas sequências iniciais.

A montagem do documentário inicia com o processo de análise das imagens filmadas. O roteiro de edição será uma leitura do material bruto, imagens e sons. Este roteiro pode não seguir a ordem da estrutura do projeto da pré-produção. No processo de seleção, o editor pode-se deparar com três tipos de sequência: de entrevistas, de ação, de material de arquivo. Esses três tipos podem acrescentar sequências formadas, como animações gráficas, podem incluir cartelas de textos e imagens em *still*, como fotografias e documentos, que também fazem parte do material de arquivo coletado.

Podemos finalizar esse processo metodológico documental com a sugestão de Edgar Moura (apud Puccini, 2010, p. 80):

Num documentário, só olhe as pessoas. Esqueça o quadro, a composição e a arte. Concentre-se nas pessoas e preste toda a atenção do mundo ao que elas estão dizendo; você está lá para isso: ver, e reagir ao que estiver acontecendo de verdade.

Conforme a dica de Moura, devemos reagir, prestigiar o momento, conferir e verificar o que lhe dizem suas fontes, você está lá para verificar a veracidade dos fatos e concentrar-se na história que lhe está sendo contada.

7 DIÁRIO DE BORDO

Para a produção do documentário, foram realizadas entrevistas com dez fontes, dentre elas: 01 torcedora “normal” e 01 torcedora de organizada do Grêmio, 01 torcedora “normal” e 01 torcedora de organizada do Internacional, 01 técnica e 01 jogadora do time profissional do Grêmio, 01 técnica e 01 jogadora do time profissional do Internacional, 01 repórter televisiva, 01 jornalista do rádio. A proposta foi a de mostrar a vivência destas mulheres nos dois maiores clubes gaúchos, os desafios para a prática desse esporte, o preconceito pelo simples fato dessas mulheres gostarem e entenderem de futebol, o apoio que recebem e o que as faz continuar a viver futebol mesmo diante do preconceito e, no caso das jogadoras, a falta de visibilidade da mídia, dos patrocinadores e da sociedade.

A denominação “Entre batons, alento e as quatro linhas: (Des) Construindo a imagem da mulher no futebol” como título do documentário ocorreu por acreditar-se que o nome representa a desconstrução da ideia de que mulher e futebol não podem jogar juntos e a construção desse novo conceito de que, sim, mulher pode usar batom, jogar futebol, trabalhar no meio esportivo e alentar junto de seu time do coração.

As entrevistadas foram contatadas e aprovaram a proposta do documentário e se dispuseram a gravar, acreditando que a produção pode contribuir para fomentar a discussão sobre o crescimento e empoderamento feminino, já que “lugar de mulher é onde ela quiser”, seja na arquibancada ou em atuação dentro ou fora de campo.

As entrevistas com as técnicas Tatiele dos Santos Silveira e Patrícia Gusmão e com as jogadoras Elisandra Guerra e Rosana Augusto foram pré-delimitadas pelos clubes e foram feitas dentro dos centros de treinamento dos dois times femininos do Grêmio e do Inter.

A torcedora gremista Juliana Naymayer foi escolhida a partir da minha convivência com ela dentro do estádio e Rosa Beatriz Foresti, conselheira do Conselho Deliberativo do Grêmio e fundadora do Núcleo Feminino do Grêmio me foi indicada pela assessoria do clube. Malu, presidente da organizada feminina do Internacional foi indicada pelo Departamento de

Torcidas do Internacional e Leticia Baratz aceitou a participação quando fiz uma postagem sobre o tema da produção.

Kelly Matos e Alice Bastos Neves são duas referências femininas quando o assunto é jornalismo esportivo. No primeiro contato, as duas concordaram e, após alguns impasses a respeito do direito de imagem, os problemas foram resolvidos. Kelly Matos trabalha na Rádio Gaúcha há 11 anos e já participou do programa Sala de Redação, voltado a comentários futebolísticos; hoje apresenta o Saia de Redação, programa de entrevista com personagens atuais do futebol gaúcho. Alice Bastos Neves é apresentadora do Globo Esporte desde 2008, programa veiculado na RBS TV.

As entrevistas foram todas gravadas em locais que faziam sentido a sua vida profissional ou sua vivência como torcedora. Devido morar em Porto Alegre, não tive acesso aos equipamentos da Universidade e tive que usar equipamentos próprios. As imagens foram inicialmente gravadas com uma câmera que após a primeira gravação (Kelly Matos), soube que estava com um pequeno problema na lente, por isso a imagem ficou um pouco craquelada. Após saber deste problema, fiz aquisição de nova lente para as gravações. Nas gravações com as mulheres coloradas, eu ainda não havia comprado o microfone, por isso alguns ruídos são perceptíveis durante as entrevistas. Nas imagens externas com atletas há algumas falhas, na gravação com as atletas do Internacional aparecem uns pingos na imagem, pois no dia estava chovendo bastante e não havia outra locação para gravação. Nas imagens da atleta Elisandra há alguns pontos de luz, que parecem manchas na tela, pois eu não tinha refletor.

O documentário tem duração de 19 minutos e não tem voz “off”. Os personagens é que conduziram a narrativa. O público-alvo do documentário são atletas do futebol feminino, comunicadores, simpatizantes do esporte, além de pessoas que não conhecem esse lado charmoso do futebol, a fim de que barreiras possam ser ultrapassadas e preconceitos possam ser quebrados.

8 ROTEIRO

Foram selecionadas 10 fontes, dentre elas: 01 torcedora “normal” e 01 torcedora de organizada do Grêmio, 01 torcedora “normal” e 01 torcedora de organizada do Internacional, 01 técnica e 01 jogadora do time profissional do Grêmio, 01 técnica e 01 jogadora do time profissional do Internacional, 01 repórter televisiva, 01 jornalista do rádio.

As fontes foram divididas em três grupos, são eles; **grupo um** composto por profissionais de campo, sendo elas jogadoras e técnicas; **grupo dois** formado por profissionais fora de campo, jornalista televisiva e jornalista de rádio e **grupo três** formado por mulheres de arquibancada, sendo elas torcedoras normais e torcedoras de organizadas. Para cada grupo foi determinada uma série de perguntas que foram adaptadas a cada entrevistada para nortear a produção do documentário, foram elas:

Perguntas grupo I- Profissionais dentro de campo (adaptar perguntar)

- Nome, idade e profissão
- Qual seu time do coração?
- Qual foi seu primeiro contato com o futebol?
- Quando você começou a gostar de futebol?
- Qual foi o primeiro time que você jogou?
- Como você entrou para o time que joga hoje?
- Você sofreu preconceito na sua família pela escolha em jogar futebol?
- Sua família te acompanha nos jogos?
- Nos dias de hoje dá pra viver apenas de futebol? Qual sua outra renda?
- É enorme a falta de visibilidade do futebol feminino, quais incentivos que faltam?
- Já pensou em desistir?
- Você tem ou teve medo de frequentar o estádio?
- O que precisa melhorar para ter mais mulheres dentro de campo e na arquibancada?
- Você consegue me dizer o que significa o futebol pra ti?

Perguntas Grupo II – Profissionais fora de campo

- Nome, idade, profissão.
- Que time você torce?
- Com quantos anos você decidiu que queria seguir a carreira de jornalista?
- Qual foi seu primeiro contato com o futebol?
- Como você se mantém atualizada com o que acontece no meio futebolístico?
- Já sofreste represália de torcedores de outros times por isso?
- Levando em conta a sua experiência em jornalismo esportivo, houveram mudanças na maneira de se fazer jornalismo esportivo?
- Qual o perfil que a jornalista esportiva precisa ter para se destacar na área que é predominantemente masculina?

- Como surgiu a ideia do /saia de redação/joga que nem mulher? Por quem foi criado?
- Já sofreste preconceito por ser mulher e falar sobre futebol?
- Já evitou de fazer algum comentário no meio dos homens com medo de ser ofendida?
- Como você lida com os haters da internet?
- Acredita que as mulheres estão ganhando espaço dentro do futebol, falando de jornalistas, jogadoras, torcedoras?
- O que uma jornalista esportiva pode esperar do futuro nesta área? Você acha que estes profissionais estão preparados para isso? Se não, como devem se preparar?
- Que barreiras você ainda acha que devem ser quebradas para que seja normal mulheres nesse meio.
- Você frequenta os jogos do teu time do coração? Com que frequência?
- É enorme a falta de visibilidade do futebol feminino, o que você pensa sobre isso?
- O que precisa melhorar para ter mais mulheres dentro de campo e na arquibancada?

Perguntas Grupo III – Mulheres de arquibancada (adaptar as perguntas)

- Nome, idade e profissão.
- Qual foi seu primeiro contato com o futebol?
- Quando você começou a gostar de futebol?
- Quando você começou a frequentar o estádio?
- Há quanto tempo tu participa de torcida organizada e como começou sua participação?
- Como é fazer parte da organizada e ser mulher? Existe algum tratamento diferenciado da parte masculina?
- Com que frequência você participa dos jogos e dentro da torcida?
- Você tem ou teve medo de frequentar o estádio?
- Qual é a participação das mulheres na torcida? Existem regras claras proibindo as mulheres de fazerem algo dentro da torcida?
- Na sua opinião qual é o papel das mulheres na torcida?
- Qual seu relacionamento com membros de outras torcidas organizadas?
- O que precisa melhorar para ter mais mulheres?
- Você consegue me dizer o que significa o futebol pra ti?

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre o espaço da mulher dentro e fora das quatro linhas do campo de futebol resultou em um documentário jornalístico, com ênfase nas suas memórias e histórias de preconceito vivenciado por elas, apenas por serem mulheres e estarem no meio futebolístico.

Acredito que fazer um filme documentário é uma forma de manter viva a memória dos fatos. Assim, posso concluir que o projeto foi um sucesso, pois consegui realizar a pesquisa nos encontros, vivenciar as histórias das entrevistas, emocionar-me junto delas e refletir sobre o empoderamento feminino.

O propósito deste documentário era de apresentar a linguagem audiovisual de modo reflexivo, sensível e leve. Não há tempo para o nada; se o passado não foi registrado, o agora tem que ser gravado em uma memória física para que no futuro as pessoas sejam cientes do que as mulheres passaram, para chegar aonde chegaram. É algo indescritível a luta diária das meninas do futebol, das jornalistas que trabalham em um meio predominantemente masculino, das meninas de arquibancada que lutam jogo a jogo por seu espaço, das atletas que treinam com sol ou chuva e que ainda não conseguiram o reconhecimento que merecem.

Todo este trabalho serviu para mostrar como funciona a criação de um documentário, desde a escrita até a produção final, para que o público pudesse ver e refletir, a qualquer momento, sobre o que as mulheres estão conquistando, inclusive seu espaço no futebol, já que “lugar de mulher é onde ela quiser”, seja na arquibancada ou em atuação dentro ou fora de campo.

Aprendi que todo esforço empregado nessa obra reverteu-se em satisfação e orgulho. Quanto mais eu dava continuidade, mais me sentia envolvida com o esporte, mais novidades apareciam, acrescentando mais um parágrafo a este projeto, mais alguns segundos no vídeo e mais amadurecimento a minha vida.

Logo, pode-se observar que o importante mesmo é saber coletar a história nos mínimos detalhes, e apresentá-la ao público de modo que ele possa compreendê-la, sem que haja perda de informação durante o filme. É claro, que não consegui usar todas as histórias dessas mulheres de punho firme, mas acredito que não houve perda de informações durante a finalização do documentário.

REFERÊNCIAS

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto**. São Paulo: Campus, 2008.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

COSTA, Leda Maria da. **O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol**. Revista Esporte e Sociedade, Ano 2, número 4, Novembro 2006/ Fevereiro 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Ver. Brás. Educ. Fís. Esp.. São Paulo, v.19, n.2, p.143-51. 2005.

MAXIMO, João. **Memórias do futebol brasileiro**. Estud. av., Paulo, v. 13, n. 37, p. 179-188, Dec. 1999 .

MOURA, E. L. **O futebol como área reservada masculina**. IN: DAOLIO, J. Futebol, cultura e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2005.

MOURA, Eriberto José Lessa de. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física/Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, SP, 2003

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo, Editora Papyrus, 2010.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário – Da pré-produção à pós-produção**. 2.ed., Campinas: Papyrus, 2009.

SITE Oficial do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre. Disponível em <www.gremio.net>. Acesso em: 22 set.2017.

SITE Oficial do Sport Clube Internacional. Disponível em <www.internacional.com.br>. Acesso em: 04 out.2017

SITE Organizadas Brasil. Disponível em: <www.organizadasbrasil.com>. Acesso em: 14 out.2017.

SOUZA, Denaldo Alchorne. **O Brasil entra em campo. Construções e reconstruções da identidade nacional.** Annablume Editora Comunicação, 2008.

SOUZA, Solange Jobim; JR, Nilton Gamba. **Novos suportes, antigos temores: tecnologia e confronto de gerações nas práticas de leitura e escrita.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 21, p. 104-114, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de Futebol.** Campinas, SP. Autores Associados/Anpocs, 1996.